

O MAL NA BIBLIA: A Personificação do Mal nos Escritos do Período Helênico aos Escritos do Cristianismo Primitivo

Prof. Me. Marcelo da Silva Carneiro¹

Resumo:

A questão do mal apresentado no ambiente judaico-romano é resultado do diálogo cultural entre vários pensamentos e cosmovisões. Nesse artigo se pretende mapear a forma como o mal foi denominado e citado nos escritos judaicos pós-exílicos tardios, no período helenísticos, e desembocando na literatura cristã primitiva. É possível perceber mutações nos conceitos, influências e tentativas diversas de dar conta da experiência do mal na vida humana.

Palavras-chave: Mal; Helenismo; Cristianismo Primitivo; Escritos Apócrifos; Escritos Canônicos.

Abstract:

The question of evil presented in the Judeo-Roman environment is the result of cultural dialogue between various thoughts and worldviews. This article intends to map how the evil was named and quoted in Jewish writings late postexilic in the Hellenistic period, and reaching the early Christian literature. We can see changes in the concepts, influences and various attempts to cope with the experience of evil in human life.

Keywords: Evil; Helenism; Early Christianity; Apocryphal Writings; Canonical Writings.

¹ Mestre em Teologia pela PUC-RJ, Doutorando em Ciências da Religião pela UMESP. Professor de Novo Testamento e Pastor Metodista. E-mail: prmscarneiro@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O mal é uma realidade que figura no imaginário humano desde tempos ancestrais, e que recebe diferentes designações e explicações, dependendo do contexto social e do lugar histórico dentro do qual ele for referido. Não seria diferente, portanto, no ambiente semita que gerou os textos bíblicos e, posteriormente, no ambiente cristão judaico-helenista. Essa profusão de culturas, que vão desde os antigos hebreus e seu contato com os cananeus, egípcios, babilônios, persas, gregos e romanos, define a forma como os textos bíblicos explicam o fenômeno do mal, ora mostrando-o de maneira personalizada, ora indicando-o como um fato da vida, que está sob controle de Deus. Visto assim, não é de surpreender que o mal tenha tido diferentes maneiras de ser visto e explicado.

Até o período da dominação grega, pode-se falar que a concepção do mal é de uma força vinculada a Javé, e que obedece às suas ordens. Por outro lado, como um fato vinculado ao pecado. Mas essa visão geral, que não cabe maior aprofundamento nesse trabalho, dá lugar a uma nova visão, mais personalista e antagônica a Deus, a partir da dominação grega. Os gregos trouxeram para o oriente novas concepções cosmológicas, dentre as quais a ideia de deuses malvados, que conspiravam contra os seres humanos. Os persas, em sua concepção dicotômica das divindades – deuses antagônicos que lutavam entre si, no embate entre o bem e o mal – já permitiram uma mudança importante nesse cenário.

Entretanto, há que se perceber que no fundo, a cosmogonia israelita e sua concepção de teodiceia desde cedo interpretaram o diferente como o antagônico, o ameaçador, o inimigo. A princípio esse outro era um povo – como em Abraão, Moisés e nos profetas – mas depois o contato com a mitologia cananea permitiu que os escritores projetassem nos monstros e divindades essa ideia do antagônico. Assim, pode-se falar num processo de visão binária do mundo, mesmo antes da influência persa e grega. “Vários antropólogos observaram que a visão de mundo da maioria dos povos consiste basicamente de dois pares de opostos binários: humano/não-humano e nós/eles.” (Pagels, 1996, p. 63).

A dominação grega sobre o mundo judaico, egípcio e persa reforçou certos conceitos, dentre eles a personificação do mal, de um modo novo em relação aos escritos do período pré e mesmo pós-exílico. A análise a seguir será focada nos textos pós-exílicos tardios, precisamente o período de dominação grega, bem como nos pseudoepígrafos que surgiram

nesse período, resultado da força da mentalidade apocalíptica. Além disso, será avaliada a forma com os textos canônicos do Novo Testamento se referem a essa personificação.

2. A PERSONIFICAÇÃO DO MAL NOS TEXTOS PÓS-EXÍLICOS TARDIOS

Já nos textos canônicos podem ser identificados elementos dessa personificação do mal em diversos trechos, indicando mudanças importantes na forma de apresentá-los, bem como de mostrar seu papel na teodiceia hebraica. Um bom exemplo disso é Satanás, cujo significado vem da hebraica palavra *satan* [adversário, acusador]. Nos textos mais antigos era a designação para uma pessoa que se colocava como adversário, como em 1Rs 11.14: “Levantou o SENHOR contra Salomão um **adversário** [*satan*], Hadade, o edomita; este era da linhagem real de Edom”. (Versão Almeida Revista e Atualizada)², ou mesmo um anjo de Javé, como em Nm 22.22: “Acendeu-se a ira de Deus, porque ele se foi; e o Anjo do SENHOR pôs-se-lhe no caminho por **adversário**. Ora, Balaão ia caminhando, montado na sua jumenta, e dois de seus servos, com ele.”. Depois disso a narrativa parte para o confronto entre homem e animal; a jumenta empaca, por três vezes, diante da presença do anjo *satan*, que ameaça com uma espada. Curiosamente, o comentário da Midrash judaica o denomina como anjo misericordioso, ignorando a expressão *satan*, como se não fosse relevante³.

Posteriormente é que o personagem Satanás ganha uma conotação personalista, como no livro de Jó, que é pós-exílico. Nele, Satanás [*hasatan*] é um personagem que vai à corte celestial se apresentar diante de Javé, numa condição de adversário dos homens:

⁶ E num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles.

⁷ Então o SENHOR disse a Satanás: Donde vens? E Satanás respondeu ao SENHOR, e disse: De rodear a terra, e passear por ela.

⁸ E disse o SENHOR a Satanás: Observaste tu a meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus, e que se desvia do mal.

² Todas as citações bíblicas seguirão a tradução Almeida Revista e Atualizada, citada de Bibleworks 5.0. As citações com fonte diferente serão identificadas.

³ Cf. http://www.pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/921256/jewish/Os-Estranhos-Acontecimentos-Durante-a-Viagem-de-Bilam.htm. Acesso em 31/01/2012.

⁹ Então respondeu Satanás ao SENHOR, e disse: Porventura teme Jó a Deus de balde? ¹⁰ Porventura tu não cercaste de sebe, a ele, e a sua casa, e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste e o seu gado se tem aumentado na terra. ¹¹ Mas estende a tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face.

No caso do livro de Jó, não temos ainda um adversário conclusivo contra Deus, mas uma espécie de desafiante, que jocosamente fala do homem Jó. Pelo contrário, o relato indica que Deus permite que Satanás leve a frente o desafio, tocando em seus bens, filhos e na sua saúde. O curioso é que ao final da história, e mesmo durante todo o restante do livro, não se fala mais de Satanás. Seria um recurso para tirar o escândalo da maldade perpetuada por Javé contra um inocente? Eis aí uma das questões que as teodiceias hebraicas e posteriormente cristãs tentaram dar conta, mas tiveram dificuldades: o mal sobrevém sobre os inocentes por autorização de Deus, ou por alguma limitação? Uma das saídas para o problema foi exatamente a personificação de Satanás, colocando-o como um adversário do próprio Deus, que odeia sua criação, em especial o ser humano.

Outra referência importante a Satanás ocorre em Zc 3.1-3:

¹ E ELE mostrou-me o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do anjo do SENHOR, e Satanás estava à sua mão direita, para se lhe opor.

² Mas o SENHOR disse a Satanás: O SENHOR te repreenda, ó Satanás, sim, o SENHOR, que escolheu Jerusalém, te repreenda; não é este um tição tirado do fogo?

³ Josué, vestido de vestes sujas, estava diante do anjo.

Há um claro contexto de juízo, uma mudança na forma como *satan* é representado: “de agente e mensageiro de Deus, como no começo, se transforma em adversário de Deus. O adversário humano vai se transformando em inimigo de Deus. O mal transcende o humano, para se propor como uma entidade autônoma, contraposta a Deus.” (Schiavo, 2000, p. 72).

Em Isaías 14.12ss é apresentado um personagem de nome *Helel ben Sháhar*, identificado por alguns como Lúcifer. “Vem de uma raiz que significa *ser, luminoso, brilhante*” (TEB, 1994, p. 628):

¹² Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! ¹³ Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; ¹⁴ subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo. ¹⁵ Contudo, serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo.

Ezequiel cita a queda de um ser (Ez 28.2-12) semelhante: “Tu eras o querubim, ungido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas.” (v. 14). Tanto Isaías quanto Ezequiel parecem aludir a uma tradição mitológica: “nos textos de Ugarit, o deus *Attar*, concorrente de Baal, sofreu uma queda semelhante à de *Helel*.” (TEB, 1994, p. 628).

Em Daniel 10.12s registra um episódio curioso:

¹² Então, me disse: Não temas, Daniel, porque, desde o primeiro dia em que aplicaste o coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, foram ouvidas as tuas palavras; e, por causa das tuas palavras, é que eu vim. ¹³ Mas o príncipe do reino da Pérsia [*shar malkut paras*] me resistiu por vinte e um dias; porém Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu obtive vitória sobre os reis da Pérsia.

No episódio, um anjo responsável por trazer a resposta de oração foi impedido durante vinte e um dias por uma entidade – *shar malkut paras* (capitão, oficial, príncipe do reino da Pérsia) – que só foi derrotada com a ajuda de Miguel – o arcanjo que na tradição apocalíptica tem muita força e parece ser o maioral dos anjos celestes. Aqui já entram fortes elementos personalistas, com anjos nomeados e com atribuições definidas.

A tradição de Daniel será responsável, por isso mesmo, pela ebulição das imagens angelicais e demoníacas, tendo em vista que sua recepção foi rápida (é um escrito datado pelo menos do 2º séc a.C.; cf. Koester, 2005, p. 259) que tinha forte apelo popular no tempo de Jesus, e que foi admitido como canônico pelos judeus no século primeiro, no processo de formação da Tanak (coleção que depois tornou-se o Antigo Testamento cristão).

Assim, a ideia de Satanás, como um ser inimigo de Deus é algo crescente no período pós-exílico, nos textos canônicos. Esse conceito será reforçado nos escritos hebraicos apócrifos, difundidos tanto por meio dos escritos de Qumran, quanto por outros lugares, mas que tiveram forte influência no imaginário judaico e cristão posterior.

3. A PERSONIFICAÇÃO DO MAL NOS ESCRITOS DO PERÍODO HELENÍSTICO

Os textos judaico-helenísticos ampliaram o tema que aparece velado nos textos canônicos, o dos seres celestiais decaídos. Os textos canônicos não narram ou citam com clareza a questão, visto que na tradição hebraica mais antiga os anjos sempre estavam a serviço de Javé, e no processo intermediário Satanás é um ser independente, mas não claramente antagônico a Deus. Essa mudança completa, em que passam a existir anjos decaídos, inimigos de Deus, pode ser explicada na situação da revolta dos Macabeus no séc. 2º a.C., diante das inúmeras ações negativas de Antíoco IV Epífanes. A revolta trouxe uma fragmentação da sociedade judaica, onde disputas pelo poder parecem ter se acirrado, juntamente com a formação de grupos distintos, gerando “tensões resultantes da competição com várias tradições culturais mais antigas dentro do processo de helenização” (Koester, 2005, p. 229). Essa diversidade permitiu o desenvolvimento de uma nova linguagem apocalíptica permeada por figuras angélicas e demoníacas; nessa, o tema de anjos caídos é recorrente, bem como a hierarquização angélica. Isso permitiu uma cristalização na imagem personificada do mal, assim como também das forças do bem.

No escrito *O Primeiro Livro de Enoque*, a partir do Livro VI descreve como os seres angelicais caídos – ou demônios – enganam os seres humanos. Na parte chamada *Livro dos Vigilantes* – “influência da mitologia grega, onde deuses e humanos se entrelaçavam em brigas, competições, rivalidades, etc. e da astronomia persa na cultura e religião judaicas, interpretadas e condenadas pelos judeus tradicionais como obra de Satanás.” (Schiavo, 2000, p. 74). Segundo Elaine Pagels, pode ser resultado da reflexão macabaica após sua vitória em 160 a.C. [alguns autores apontam para 167], tendo como alvo os usurpadores do templo (Pagels, 1996, p. 81).

A narrativa fala principalmente de Azazel, que aparece como um ser que seduz a raça humana com o domínio do fogo, para forjar os metais em armas e adornos. Além disso, outros seres são descritos como incentivadores da maldade, como se pode ler no trecho do Livro VIII:

¹ Azazel ensinou aos homens a confecção de espadas, facas, escudos e armaduras, abrindo seus olhos para os metais e para a maneira de trabalha-los. Vieram depois os braceletes, os adornos diversos, o uso dos cosméticos, o embelezamento das pálpebras, toda sorte de pedras preciosas e a arte das tintas.

² E assim grassava uma grande impiedade; eles promoviam a prostituição, conduziam aos excessos e eram corruptos em todos os sentidos. Semjaza ensinava os esconjuros e as poções de feitiços, Armaros a dissipação dos esconjuros, Barakijal a astrologia, Kokabel a ciência das constelações, Ezekeel a observação das nuvens, Arakiel os sinais da terra, Samsiel os sinais do sol e Sariel as fases da lua. (Rodrigues, 2004, p. 261s)⁴

A narrativa então passa a mostrar os arcanjos principais do céu - Miguel, Uriel, Raphael e Gabriel – que se indignam pelo mal que sobreveio aos humanos pela interferência angelical (Livro IX). Assim, Azazel é condenado pelos seus atos, bem como a humanidade, no grande dilúvio, do qual apenas o “filho de Lamech [Noé]” se salvaria. Para Azazel a condenação:

³ E a Raphael disse o Senhor: “Amarra Azazel de mãos e pés e lança-o nas trevas! Cava um buraco no deserto de Dudael e atira-o ao fundo! Deposita pedras ásperas e pontiagudas por baixo dele e cobre-o de escuridão! Deixa-o permanecer lá para sempre e veda-lhe o rosto, para que não veja a luz!

⁴ No dia do grande Juízo ele deverá ser arremessado ao tremedal de fogo! Purifica a terra, corrompida pelos Anjos, e anuncia-lhe a Salvação, para que terminem os seus sofrimentos e não se percam todos os filhos dos homens, em virtude das coisas secretas que os Guardiões revelaram e ensinaram aos seus filhos! Toda a terra está corrompida por causa das obras transmitidas por Azazel. A ele atribui todos os pecados!” (Rodrigues, 2004, p. 263)

⁴ Todas as citações de textos apócrifos são de tradução de Claudio J. A. Rodrigues, na obra Apócrifos da Bíblia e Pseudoepígrafos. Nas citações será indicado apenas o nome, ano e página, como em outras obras.

Pode-se estabelecer uma releitura da antiga tradição do dilúvio, influenciada pelo mito sumério de Gilgamesh, a partir do mito de Prometeu, que rouba o fogo dos deuses para dar aos homens, e por isso é castigado eternamente, tendo uma águia que lhe comia o fígado diariamente, o qual se regenerava, para então sofrer de novo o castigo. Com isso, o relato de Azazel mostra como o progresso são contrários aos desígnios divinos, e vê com suspeita todo o desenvolvimento urbano, especialmente os aparatos da guerra e o luxo.

Outro escrito é *Vida de Adão e Eva*, cujo título vem de uma versão latina (*Vita Adae et Evae*) do livro *Apocalipse de Moisés*, escrito em grego. Faz parte, na verdade, de uma série de obras sobre Adão e Eva, que “revelam interesse contínuo pelo significado teológico da história do primeiro casal que reaparece não somente em textos cristãos como Rm 5,12-21, mas também em textos apocalípticos judaicos posteriores...” (Koester, 2005, p. 257). Num dos trechos, o texto descreve outra maneira de falar sobre a queda angelical. Segundo ele, Deus teria chamado os anjos para adorar ao homem, após tê-lo criado, mas Satanás recusou-se, afirmando: “Por que tu me pressionas? Não adorarei quem é mais moço do que eu e inferior. Sou mais velho do que ele, ele é que deve me adorar” (14.3 – apud. Schiavo, 2000, p. 76). Assim, o que seria uma inimizade entre criaturas coloca o Criador na situação de questionamento.

Outra obra desse tema é *O Primeiro Livro de Adão e Eva*, que também apresenta a personificação do mal em Satã. O Livro XVII,2 mostra que a serpente foi possuída por Satã na tentação: “Mas ao aproximarem-se dele, defronte do portão oeste, do qual viera Satã quando enganou Adão e Eva, encontraram a serpente que se tornara Satã, e que tristemente lambia o pó e se arrastava com seu peito no chão, por causa da maldição de Deus.” (Rodrigues, 2004, p. 23). Em outro trecho (XXVII,1ss) o livro faz uma apresentação de Satã, com suas hostes, domínio sobre o fogo, e como ele tenta matar Adão e os humilhar uma segunda vez. Ali fica evidenciado mais uma vez esse clima de competição:

¹ Quando Satã, aquele que odeia tudo o que é bom, viu como eles continuavam em oração, como Deus se comunicava com eles e os consolava, e como Ele aceitara sua oferenda, Satã criou uma visão.

² Ele iniciou transformando suas hostes; em suas próprias mãos havia um fogo flamejante, e eles estavam envoltos em uma grande luz. (...)

⁴ E Satã fez isto para que quando Adão visse a luz, pensasse consigo mesmo que era uma luz celeste, e que as hostes de Satã eram anjos; e que Deus os enviara para guardar a caverna e dar-lhes luz na escuridão.

⁵ Assim, quando Adão saísse da caverna e os visse, e Adão e Eva reverenciassem a Satã, então ele dominaria Adão e humilhá-lo-ia pela segunda vez diante de Deus. (Rodrigues, 2004, p. 29)

Em outra obra apocalíptica, *O Testamento dos Doze Patriarcas*, provavelmente escrito em grego entre os séculos 1 a.C. e 1 d.C., encontramos outra menção ao mal personificado. Trata-se de uma obra helenística apoiada num gênero literário mais antigo na tradição israelita, a chamada fórmula de aliança, em que cada tribo é individualizada, e se mostra as virtudes e vícios de cada um dos membros. Nos exames que cada Patriarca tenta passar para sua descendência, sempre se trata de algum vício, ou então de uma virtude. Curioso é o dualismo presente no trecho, indicando dois caminhos, da vida ou da morte, de Deus ou de Satã. Na parte VII, Testamento de Dan, é citado o “espírito de Belial”, que teria tentado enganá-lo para matar José (Capítulo I,2): “E um espírito de Belial sussurrou-me dizendo: 'Toma tua espada e mata José'” Estando ele morto, o teu pai te amará'. Era o espírito do rancor (...)” (Rodrigues, 2004, p. 371). Em outro trecho do testamento de Dan (Capítulo VI,1) ele adverte contra Satã e seus “espíritos”: “Assim, meus filhos, temei o Senhor! E guardai-vos de Satã e dos seus espíritos! E aproximai-vos de Deus e do seu Anjo intercessor! Ele é o intermediário entre Deus e os homens. E a bem da paz de Israel, ele enfrenta o reino do Inimigo. O Inimigo recorre a todas as forças para fazer com que caiam os que invocam o Senhor” (Rodrigues, 2004, p. 373). Esse texto influenciará tanto as produções judaicas quanto cristãs posteriores, incentivando interpolações, reinterpretações e até mesmo agindo no imaginário geral desses grupos (Koester, 2005, p. 266).

Uma obra apocalíptica apócrifa de grande repercussão entre os cristãos é o *Livro da Ascensão de Isaías*. Aparentemente é uma obra cristã do 1º séc. d.C. que pode ser um texto trabalhado em cima de uma tradição anterior. O principal indício de sua autoria cristã está no Capítulo IV,16: “E todos aqueles que tiverem execrado Belial, fieis a Jesus e a seu reino e a todos os seus santos, virão junto com o Senhor, trajados com os mesmos hábitos que irão usar no sétimo céu (...)” (Rodrigues, 2004, p. 135s). O livro fala de vários anjos decaídos, dentre eles o já citado Belial, que foi o responsável pela morte de Isaías, serrado pelo meio. Ele

domina o coração de Manassés, que perpetua a execução: “E essa é a vingança conseguida por Belial sobre Isaías por meio de Belakira e Manassés devido à ira de Samael contra o profeta.” (Capítulo V, 15. Rodrigues, 2004, p. 137).

Samael parece ser um servo de Deus, que se tornou servo de Belial, bem como de Manassés, conforme o início do livro (Capítulo 1,8): “E Samael Malkira servirá a Manassés e executará todas as suas vontades, e se tornará o discípulo de Belial após ter sido o meu [de Isaías]” (Rodrigues, 2004, p. 131). Satanás também é citado, como causador de toda discórdia, em VII,9: “E subimos, o anjo e eu, ao firmamento, e vi Samael e seus poderes; lá estava o reino da carnificina e das obras de Satanás, da disputa e das discórdia” (Rodrigues, 2004, p. 138).

O quadro que se forma de Satanás nesses textos é de um inimigo que não é estrangeiro, estranho ou distante, mas alguém próximo, em quem se confia, e por algum motivo declarado como torpe, se volta contra a pessoa ou Deus. Em todo caso, como aponta Elaine Pagels, os vigilantes – anjos – caídos do céu levantam toda sorte de inimigos contra Israel, normalmente representados como um rebanho de ovelhas. Por trás dessa ideia, no entanto, está o conflito interno entre grupos judaicos, mutuamente acusando-se de apostasia (Pagels, 1996, p. 80s).

4. OS ESCRITOS DE QUMRAN E A PERSONIFICAÇÃO DO MAL

Nos escritos de Qumran há registros que mostram a guerra escatológica entre o Messias e Belial com suas hostes de demônios. Houve por parte do povo uma identificação com essa proposta, por isso há ecos dessa expectativa nos evangelhos: “és tu aquele que há de vir ou devemos esperar outro?” (Lc 7.19//Mt 11.2). Essa guerra se estende aos filhos das Trevas contra os filhos da Luz (Rolo da Guerra, 1QM I,9-11). “Os espíritos e anjos divinos e maus não são mediadores entre Deus e o mundo humano, mas poderes em ação nas esferas celestes e terrestre, cujas ações são análogas aos eventos escatológicos que acontecem no reino humano” (Koester, 1995, p. 238).

Segundo Elaine Pagels, “se Satanás já não existisse na tradição judaica, os essênios o teriam inventado.” (1996, p. 88). Isso se deve pela maneira como esse grupo lidou com a opressão estrangeira, e especialmente com a atitude conformista de famílias sacerdotais, bem como das autoridades judaicas. Por isso a comunidade saiu da convivência com o povo da Judéia, e se isolou num conjunto de construções escavadas em pedra em Kirbet Qumran,

próximo ao Mar Morto; considera-se que essa comunidade de Qumran são os essênios, pela proximidade com as características destes últimos são indicadas por Flavio Josefo⁵, além de outros autores da Antiguidade.

A comunidade essênia se considerava o verdadeiro povo de Deus, a aliança renovada dos últimos dias. A fixação no mar Morto tinha por objetivo dar aos membros da comunidade condições de viver de acordo com esse conceito escatológico. O esforço principal era dirigido à preservação da pureza cultural, e para isso a autoridade procedia da interpretação da lei, feita pelo fundador da comunidade, o Mestre de Justiça. Como sacerdote, ele possuía autoridade legítima para interpretar a lei. (Koester, 2005, p. 237)

Da forma como os escritos de Qumran são elaborados, há uma relação clara entre a atividade dos anjos malignos e o juízo iminente que cairá sobre a terra. Na verdade, segundo a expectativa apocalíptica que predominava entre os essênios, todo o processo de luta contra o império romano e os maus israelitas era a expressão de uma luta espiritual intensa entre Deus e Belial, que seria julgado no tempo devido. Josefo fala da resistência dos essênios perante os romanos, especialmente nos anos de 66-70 d.C., durante a Guerra Judaico-Romana:

A guerra contra os romanos tem demonstrado o valor de sua alma em todos os aspectos. Nela tinham sido torturados, retorcidos, queimados, tinham sofrido fraturas em seu corpo e tinham sido submetidos a todo tipo de tortura para que pronunciassem alguma blasfêmia contra seu legislador e que comessem algum dos alimentos que lhe são proibidos. Mas eles não cederam em nenhuma das coisas, nem tampouco trataram de atrair a si o favor de seus torturadores mediante súplicas, nem choraram diante deles.

Com sorrisos em meio às torturas e com sarcasmo entregavam alegres suas almas a seus executores, como se fossem recebê-las de novo. (JOSEFO, 2008, p.34s)

⁵ Especialmente em (Guerras Judaicas, II, 119-161)

Essa entrega absoluta se explica pela forma como compreendiam a história, tanto pela crença na imortalidade da alma – crença influenciada pelos gregos – quanto pela crença no juízo derradeiro, expresso em seus escritos, como no *Rolo da Guerra*:

As torrentes de Belial alcançarão
todos os cantos do mundo.
Em todos os seus canais
um fogo consumidor destruirá.
Cada árvore, verdejante ou seca, em suas margens.

A terra gritará por causa da calamidade derramada sobre o mundo,
e todas as profundezas gritarão.
E todos os que estiverem sobre ela se encolerizarão
e perecerão em meio à grande desgraça.

A guerra dos guerreiros celestes castigará a terra;
e não terminará antes da destruição determinada,
A qual será para sempre e incomparável
(1QH 3,29-30.32-34.35-36, apud. Otzen, 2003, p. 266)

Esse cenário de batalha tem seu lugar num cosmos escatológico, que reforça a visão dualista. Na verdade, os rolos de Qumran apontam para dois caminhos: um da verdade e outro da corrupção, em que de forma dual “os filhos da justiça andam segundo nos caminhos da luz, os filhos do engano andam nos caminhos da escuridão (1QS 3:17 e segs.). Aqui, os poderes demoníacos ameaçam seduzir.” (Ebel, 2000, p. 131).

Belial é um nome associado a Satanás, muito usado nos escritos judaico-helênicos. Seu significado é impreciso, mas há quem afirme ser uma modificação de Belior – que vem do hebraico *beli'ôr* – que significa “sem luz”, uma oposição ao título Estrela da Manhã de Isaías (Schiavo, 2000, p. 75).

São os escritos de Qumran, provenientes da comunidade essênica, que mais nos aproximam do contexto da literatura do cristianismo primitivo, indicando um ambiente imagético similar na região da Galileia, em relação à Transjordânia. A partir do contexto político e social, marcado pela opressão e tirania, as comunidades respondem pensando todo o mundo, material e espiritual, a partir do embate entre forças opostas, de Deus e de Satanás, que passa a ser um nêmesis divino.

5. A PERSONIFICAÇÃO DO MAL NOS ESCRITOS DO CRISTIANISMO PRIMITIVO

O cristianismo primitivo tem na sua matriz cultural a expressão do encontro helênico-semita, e nele há uma verdade incontestável: Jesus e Satanás estão em guerra aberta. Jesus e os apóstolos herdaram essa maneira de enxergar o mundo, em contraposição à ideia da Lei como explicação da Teodiceia; é o mal personificado que destrói a vida das pessoas, e por isso deve ser combatido. Esta é a razão pela qual os escritos elaborados pelas comunidades cristãs primitivas retratam tantas vezes esse embate, sempre com vitória de Jesus sobre os demônios.

Isso vai aparecer de forma muito clara nos escritos canonizados posteriormente, e que formam o Novo Testamento, como também aparecerá nos escritos depois denominados apócrifos, expressão de outras vertentes do cristianismo primitivo.

5.1. A Expressão do Mal Personificado Segundo os Escritos Canônicos

No Novo Testamento, os evangelhos são os que mais tratam do assunto, colocando o ministério de Jesus como um embate com as forças satânicas, tanto nos relatos de cura e libertação dos oprimidos, quanto nos de tentativas de impedir o seu avanço rumo a Jerusalém. Dentre eles, Marcos é o que tem mais registros desse embate, provavelmente influenciado pelos acontecimentos da Guerra Judaica (66-70 d.C.). A ação demoníaca é mostrada através da lei (Mc 1.21-28), das legiões romanas que estão na Palestina (5.1-20, onde o demônio fala seu nome em latim), do preconceito e exclusão social (7.24-30), da doença (9.14-29), mostrando que a chegada do reinado de Deus é iminente. É o primeiro dos sinais citados no fim do evangelho de Marcos.

Os evangelhos de Mateus e Lucas apresentam suas versões próprias da história, mas dependem de Marcos em relação aos relatos de demônios. João segue uma ideia própria, não

explicita o nome do demônio, mas tem embutida a ideia de um mundo em oposição a Deus, bem como as autoridades judaicas, especialmente em Jo 12.31: “Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso.” (Cf. Schiavo, 2000, p. 78).

Nas cartas paulinas, o mal é menos personificado, posto que o apóstolo fala do maligno como uma força que envolve os crentes, mas o termo *diabo*, por exemplo, só aparece nos textos dêutero-paulinos (Ef 4.27; 6.11; 1Tm 3.6-7; 2Tm 2.26). Já o nome de Satanás aparece em algumas cartas autênticas. Paulo cita bastante esse nome aos coríntios, seja para falar de juízo na comunidade (1Co 5.5), advertir contra a tentação nos relacionamentos conjugais (1Co 7.5), para exortar ao perdão, como vantagem sobre o adversário - que usa as armas do ódio - (2Co 2.10), falando da capacidade de Satanás se tornar em “anjo de luz” (2Co 11.14), e mesmo como adversário para impedir Paulo de se ensoberbecer (2Co 12.7). Escrevendo aos tessalonicenses, fala a respeito de Satanás impedir seu retorno a Tessalônica (1Ts 2.18), e em 2Ts 2.9 ele fala do poder de Satanás, que está sobre o Anticristo. Essa expressão anticristo, a quem Paulo chama de “o iníquo”, é usada, na verdade apenas pelo autor das epístolas de 1 e 2 João, referindo-se aos grupos que se afastaram da comunidade por ensinarem que Jesus não veio em carne: seriam em última análise grupos gnósticos, ou pré-gnósticos (cf. 1Jo 2.22; 4.3; 2Jo 1.7). João usa uma terminologia radical para indicar a atitude de grupos antagônicos. O Apocalipse, associado ao mesmo João, encerra o Novo Testamento – e na Bíblia cristã, todo o livro – retomando os temas sobre o mal, por meio de imagens simbólicas. Fala, por exemplo, que “foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás, que engana todo o mundo;” (Ap 12.9a). Assim, ele associa todas as imagens que vêm do mundo hebraico, passando pelo persa e pela compreensão apocalíptica do período helenístico, para demonstrar que o anticristo, o adversário da Igreja é a mesma entidade.

Considerando as diferenças de terminologia nos escritos do Novo Testamento, deve-se pensar que o mal tem uma dimensão personificada a partir do próprio contexto cultural do grupo, pelos diversos elementos formadores da identidade cristã. Isso fica mais evidenciado quando se percebe as diferentes designações que o mal recebe de forma personalizada.

5.2. Terminologia do Novo Testamento para o Mal Personificado

Serão apresentados agora alguns termos mais utilizados no Novo Testamento a respeito do mal, de forma personificada, os quais os autores dos textos cristãos do primeiro século trabalham com mais ênfase, e seu significado:⁶

a) **daimón**: aparece 77 vezes. Sua raiz é incerta podendo vir de “da” (atirar, distribuir, espalhar conhecimento). Neste caso aproxima-se de uma divindade menor persa, com caráter divino. Pode ser também do hebraico shed, raiz verbal shud = fazer violência, dominar, possuir. No grego clássico eram espíritos dos mortos, “que podiam ser aplacados ou controlados por magia, feitiços e encantamentos.” (Biethenhard; in: Coenen; Brown, 2009, p. 514). No NT o termo é usado por Mateus, e em maior número, na forma diminutiva *daimonion*, bem como participio “endemoninhado”, “para definir a influência ou controle exercitado sobre uma pessoa por um demônio presente nela” (Schiavo, 2000, p. 79).

b) **Diabo**: O termo que vem do grego *diaballo*, significa “jogar no meio”, “atravessar o caminho”, ou ainda “separar”, “dividir”, “fazer tropeçar e cair”. Na LXX traduz o termo hebraico *satan*, o adversário. Assim, é apresentado no NT como aquele que quer dividir e destruir; aparece 35 vezes em todo o Novo Testamento.

c) **Beelzebu**: é um dos poucos nomes próprios de entidade maligna que aparece. O uso do nome desta entidade faz parte de uma mentalidade popular da época com respeito aos demônios. Originalmente *Baal* [senhor] *zebub* [do esterco ou das moscas], era uma divindade filistéia. É citado em 2Rs 1.2, como divindade de Ekrom. Na época de Jesus era considerado o príncipe dos demônios. Tudo indica que a divindade era ligada a sacrifícios considerados imundos (esterco), e por esse motivo se tornou o “maioral dos demônios”.

É possível, então, identificar Beelzebu com Satanás, pois esse também é mostrado no NT como maioral dos demônios, que tentou Jesus (4.1-11). As narrações não explicam claramente quem é o diabo. Aparentemente, a audiência de Mateus “conhece várias tradições que identificam poderes e forças sobre-humanas (anjos e demônios de vários nomes) que

⁶ Aqui a lista de nomes foi baseada na proposta de Luigi Schiavo, para então se ampliar a análise a partir de outros autores.

atingem instituições, estruturas, nações e indivíduos e resistem aos propósitos de Deus.” (Carter, 2002, p. 148).

Essa apresentação de forças em combate mostra o clima de hostilidade e pressão sobre Jesus e os discípulos em meio ao domínio romano na região, identificada depois como a Besta (cf. Ap 13). O uso desse nome pelos fariseus em Mc 3.23 e paralelos tem um objetivo: “A opinião dos fariseus tem um valor político-religioso muito grande, pois eles é que se julgavam os que sabiam discernir o certo do errado, o bom do ruim. Os fariseus se outorgavam o direito de decidir pela opinião do povo, impedindo que o povo solidificasse sua admiração” (Mazzarolo, 2005, p. 190). Os fariseus recorrem à injúria, na tentativa de desacreditar Jesus diante da multidão. Provavelmente essa fala era corrente no período pós-70 d.C., quando o embate entre cristãos e fariseus se tornou acirrado. Jesus nunca usa esse nome para os demônios.

d) **Espírito imundo** (*pneuma akatarion*): termo que aparece somente nos sinóticos, que fala de uma influência espiritual contrária a Deus. Vem da junção do *pneuma* (vento, espírito) e *akatarion* (imundo), cuja raiz é o verbo *kathairó* (purificar). O termo *arthós*, indica o pão puro de trigo, que com a partícula privativa “a” na frente passa a indicar o contrário. Sua impureza tem relação com a dominação que exerce sobre os seres humanos, os quais tornam-se animais.

Em todo caso, há sempre a oposição do reinado de Deus sobre o domínio dos demônios, sendo aquele sempre vencedor, na pessoa de Jesus ou em nome dele. Uma análise global sobre a luta de Jesus e dos apóstolos contra os demônios indica, segundo Manfred Hütter, que “o NT, relacionando os demônios com o reino de Deus, que pela atividade de Jesus chegou, deu ensejo para ir se combatendo as tão espalhadas fantasias populares sobre demônios.” (in: Bauer, 2000, p. 94). Com isso até mesmo as doenças foram interpretadas como fenômenos independentes da ação demoníaca, ainda no primeiro século (cf. Jo 9.1-3; Gl 4.13s). Mas de fato a ideia da ação demoníaca não deixou de ser parte do imaginário cristão e não cristão no Ocidente pelos séculos seguintes, como a história deixa bem claro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo tratou da análise da forma como o mal é descrito de forma personalizada na Bíblia. Falou-se das etapas do pensamento hebraico desde o exílio até o período helênico, indo até o cristianismo primitivo no primeiro século, mostrando a mudança de concepção, de um mal que atua por ordem de Deus, passando por uma compreensão do mal como uma realidade no mundo independente de Deus, até chegar à visão de que o mal é antagônico a Deus. Talvez não se possa falar em desenvolvimento, mas transformação na forma de ver o mundo, pelo contato com outras culturas, e principalmente pelo impacto que certas experiências tiveram sobre a mentalidade semita mais arcaica. Tanto o contato com os babilônicos, durante o exílio, passando pelos persas no pós-exílio, e posteriormente os gregos, teve uma forte consequência na maneira de entender a realidade intra e extramundana, que acarretou numa mudança na forma de responder à teodiceia.

Esse processo passou pela personificação do mal; o que significa uma maneira de entender o problema do mal no mundo objetivando-o, tornando-o mais concreto que o próprio Deus, para assim poder identificar um alvo, uma meta, de um inimigo a ser destruído. Essa maneira de entender o problema do mal, por meio da personificação, acabou não poucas vezes por criar uma associação entre a entidade invisível, conquanto personificada, e pessoas ou grupos concretos, enxergando-os como servos do mal, ou ainda como dominados por ele.

Curioso é o fato de que nos evangelhos, os possuídos pelo demônio não são tratados como inimigos por Jesus, pelo contrário, ele os vê como vítimas, gente oprimida pelo sistema cruel e dominador perpetrado pelo império romano. E é no império romano onde mais se vê a atividade demoníaca, havendo por parte dos cristãos – e mesmo por outros grupos – uma identificação entre esse império e o demônio. Não à toa, Nero é identificado com a Besta, a serviço de Satanás. Assim, fica evidenciado que houve por parte da comunidade cristã primitiva uma associação entre forças espirituais e humanas, o que levou a mensagem ser também encarada como forma de transformação, não só das pessoas, mas de todo o mundo.

A presença desse mal personificado no mundo teve como consequência também uma visão negativa do mundo, posto que ele é o príncipe, e o mundo jaz no maligno. Essa maneira de entender o mal e sua relação com o mundo teve consequências sérias para o cristianismo posterior, bem como a compreensão dos adversários como servos do mal. Essa é uma questão que deve e tem sido pesquisada, e que merece atenção nos círculos acadêmicos, até para

compreender o fenômeno religioso contemporâneo no Brasil e em várias partes do mundo, onde o mágico e o extraordinário são mais importantes que as questões básicas da fé.

Por outro lado, o artigo não abordou os escritos gnósticos por questões metodológicas. Pode-se pensar também ali uma mudança importante, onde passa a existir a presença de um demiurgo que cria o mundo mal, contra um Deus supremo, levando ao extremo a ideia de um mundo mergulhado no mal.

O que fica evidente ao fim da presente pesquisa, é o quanto o modo de ver e compreender a realidade do mal e suas questões concretas se altera com o tempo. O que se pensa hoje a respeito do assunto certamente é algo diferente, ainda que ideias tradicionais e vinculadas a conceitos semitas ou gregos permeiem o discurso atual. Mas a presença de outras ciências na análise desse campo, como a sociologia, a antropologia social e mesmo a psicologia, permitiram um avanço e um incremento na compreensão do assunto, mesmo que uma resposta definitiva não seja ainda possível. E, de fato, diante do fenômeno da morte e do mal, muitas vezes as respostas que temos não dão conta do sentido daquilo para as vítimas ou suas famílias; o mal continuará a ser, ao lado da eternidade, um grande mistério que paira sobre a realidade da existência humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUER, Johannes. *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- BROWN, Colin; COENEN, Lothar. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. Vol 1 e 2*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000 (9ª reimpressão).
- CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002.
- JOSEFO, Flavio (GODOY, A.C., Trad. e Adap.). *Guerra dos Judeus*. Livro II. 6a. Tiragem. Curitiba: Juruá Editora, 2008.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*. 1. História, cultura e religião do período helenístico. São Paulo: Paulus, 2005.
- MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de São Mateus*. Rio de Janeiro, Mazzarolo Editor, 2005.
- OTZEN, Benedikt. *O judaísmo na Antigüidade*. A história política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o imperador Adriano. São Paulo: Paulinas, 2003.
- PAGELS, Elaine. *As origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- RODRIGUES, Claudio J. A. (Trad.) *Apócrifos e Pseudo-Epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Editora Novo Século, 2004.
- SCHIAVO, Luigi. *O mal e suas representações simbólicas. O universo mítico e social das figuras de Satanás na Bíblia*. In: Apocalíptica e as Origens Cristãs. Estudos da Religião n. 19, ano XIV. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2000.